

**36º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**

**GT09 – Esporte e Sociedade**

**DISCURSOS HEGEMÔNICOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FUTEBOL  
FEMININO NO BRASIL**

Osmar Moreira de Souza Júnior<sup>1</sup>

Heloisa Helena Baldy dos Reis<sup>2</sup>

**Resumo**

*O presente artigo tem por objetivo apresentar a análise da trajetória histórica do futebol feminino no Brasil, procurando delimitar quais as correlações de forças que se estabeleceram nestes processos e como estas contribuíram para uma configuração que dificulta a legitimação social desta modalidade. Analisando as aproximações e distanciamentos das mulheres em relação ao futebol, desde os primeiros contatos como torcedoras, tanto das elites como das classes subalternas, até o momento atual, no qual nem mesmo os expressivos resultados da seleção brasileira e das conquistas individuais da jogadora Marta foram capazes de alterar o cenário. Podemos concluir que o futebol feminino mantém-se sob constante conflito de interesses, assumindo diferentes formas, com o intuito de forjar desejadas representações sociais. Neste sentido, faz-se necessário a reelaboração deste discurso, por meio de reflexões e discussões sistemáticas, permitindo o reconhecimento de processos históricos de lutas e ações de resistência, contrapondo-se às ações discriminatórias e outros mecanismos de manutenção de práticas hegemônicas no cenário do futebol, viabilizando um reordenamento de uma visão de mundo cristalizada, que possa implicar em relações menos desiguais nas esferas econômica, política e social, traduzindo-se em um empoderamento das mulheres por meio e para o futebol.*

---

<sup>1</sup> Professor Assistente do Departamento de Educação Física e Motricidade da UFSCar. Bolsista Capes do programa de pós-graduação, nível de doutorado, da área de concentração Educação Física e Sociedade da FEF-Unicamp. Vice-líder do GEF (Grupo de estudos e pesquisas de futebol) cadastrado no CNPQ.

<sup>2</sup> Professora Livre Docente da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da FEF-Unicamp. Coordenadora do GEF (Grupo de estudos e pesquisas de futebol) cadastrado no CNPQ.

*PALAVRAS CHAVES: futebol feminino; hegemonia; história; representação social*

### **Abstract**

*The present study aims to analyze the historical path of feminine soccer in Brazil, it intends to define the power correlation that has been established through this process and how it has contributed to a scenario that makes social legitimation more difficult to this sport. Through an approaching and alienation analyzes of women towards soccer, since the very first contact as supporters, from elites to working classes, up to current days. Despite of the dramatic results of the Brazilian team and individual conquerors of the soccer player Marta, we have concluded that feminine soccer remains under constant interests conflict, assuming different forms, with the intent to forge desired social representations. It's necessary to change this discourse, through reflections and systematic discussions, allowing the recognition of historical processes of fight and resistance actions, counteracting to biased attitudes and other mechanisms that leads to hegemonic practices in the soccer scenario, permitting a rearrangement of a crystallized world view, less unfair in economical, political and social spheres, conveying to women power through and towards soccer.*

*KEY WORDS: feminine soccer; hegemonic; history; social representation*

### **Resumen**

*Este estudio tiene por objeto analizar la trayectoria histórica del fútbol femenino en Brasil, tratando de definir las correlaciones de fuerzas que se han establecido en estos procesos y cómo han contribuido a una configuración que impide la legitimidad social de esta modalidad. El análisis de las similitudes y diferencias de las mujeres en relación con el fútbol, desde los primeros contactos como hinchas, tanto de las élites como de las clases menos favorecidas, hasta hoy, donde se ven los impresionantes resultados de la selección brasileña y los logros individuales de la jugadora Marta, ofrecen como conclusión que el fútbol femenino sigue siendo una fuente casi constante de conflictos de intereses, tomando diferentes formas a fin de forjar las deseadas*

*representaciones sociales. En este sentido, es necesaria la reformulación de este discurso, a través de discusiones y reflexiones sistemáticas, lo que permite el reconocimiento de los procesos históricos de las acciones de lucha y resistencia, en oposición a las acciones discriminatorias y otros mecanismos para el mantenimiento de las prácticas hegemónicas en el establecimiento de fútbol, lo que a su vez conduce a un reordenamiento de una visión del mundo cristalizada, lo que podría resultar en menos relaciones desiguales en las esferas económica, política y social, dando lugar a una potenciación de la mujer a través del fútbol.*

*PALABRAS CLAVE: fútbol femenino; la hegemonía; la historia; la representación social*

## **1. Introdução**

De acordo com Reis (1998) os esportes modernos foram construídos culturalmente para os homens, implicando na necessidade da mulher, assim como em outras instâncias sociais, conquistar seu espaço e garantir o seu reconhecimento.

Os estudos de Dunning (2003) que tiveram como foco a sociedade britânica constata que o esporte, como atividade de lazer daquela sociedade possui uma importância considerável na formação da identidade e dos hábitos dos homens em especial, que sofrem pressões para praticarem esportes, sob o risco de serem categorizados como anormais, afeminados ou homossexuais caso demonstrem um desinteresse por esporte. Em contrapartida, existe uma tendência de se categorizar as mulheres esportistas como lésbicas ou “machonas”, o que contribuiu significativamente para o afastamento da mulher desta prática social.

Para Hargreaves (1993), ainda que a construção social da maioria dos esportes baseie-se em uma história de dominação masculina e de subordinação feminina, este poder masculino no esporte nunca pode ser assumido de forma absoluta. De acordo com a autora, na transição do século XIX para o século XX iniciou-se um desenvolvimento gradual do esporte feminino, que se intensificou no período entre guerras e pós Segunda Guerra Mundial, assumindo na contemporaneidade dimensão jamais encontrada na história da humanidade, representada pelo crescente número de mulheres que se dedicam a praticar um número também cada vez maior de modalidades esportivas.

Analisar a trajetória histórica das aproximações e distanciamentos das mulheres em relação às práticas esportivas significa reelaborar a história do desenvolvimento do fenômeno esportivo em nossa sociedade, que sempre esteve alicerçado no discurso hegemônico masculino, tornando invisíveis ou inexpressivas as incursões das mulheres neste cenário.

O futebol feminino como objeto de estudo da Educação Física e da Sociologia do Esporte tem recebido cada vez mais atenção do meio acadêmico, proporcionando a constituição de elementos conceituais e empíricos que contribuem para o entendimento dos elementos que circunscrevem a modalidade em uma espécie de “limbo das práticas corporais” em nossa sociedade.

Partindo deste pressuposto, o objetivo do presente artigo reside na possibilidade de analisar a trajetória histórica do futebol feminino no Brasil, procurando delimitar quais as correlações de forças que se estabeleceram nestes processos e como estas contribuíram para uma configuração que dificulta a legitimação social desta modalidade.

## **2. Das arquibancadas para a “plateia clandestina”: primeiras aproximações das mulheres com o futebol**

Segundo Campos (2010) a presença da mulher no espaço futebolístico durante o final do século XIX e início do século XX no Brasil, limitou-se à assistência, consolidando a imagem de personagens que atuavam nos bastidores:

No espaço concedido às mulheres, a sua presença, embora vá se reconfigurando ao longo do tempo, se manteve regular e constante. No espaço da arquibancada, a mulher aparece como um elemento discreto que fornece brilho e orna a festa esportiva, sendo uma incentivadora dos clubes e dos *sportsmen*. Esse caráter decorativo da presença feminina pode ser percebido em alguns estudos, entre os quais, Pereira (2000), cujo tema abordado foi a origem do futebol na cidade do Rio de Janeiro; Ribeiro (2007), a origem do futebol em Belo Horizonte e Moura (2003), o futebol feminino. (CAMPOS, 2010, p. 26-27)

Após esta primeira aproximação das mulheres com o futebol, como espectadoras que compunham o cenário com ares de modernidade deste reduto elitista daqueles que se

intitulavam “legítimos herdeiros do futebol inglês”, assiste-se a um processo de popularização da modalidade, na medida em que as camadas médias e subalternas passam a transpor as fronteiras do *ethos* amadorístico, por meio da fundação de times improvisados, que passavam da curiosidade ao mimetismo (FRANCO JÚNIOR, 2007).

Segundo Pereira (2000), o campeonato sul-americano realizado no Rio de Janeiro em 1919 torna-se emblemático para se estabelecer uma nova relação da população brasileira com o futebol, na medida em que mesmo os torcedores impossibilitados de entrar no estádio buscavam formas alternativas de prestigiar o evento, espremendo-se nos morros em volta do campo para assistir às partidas de longe.

De um lado, as arquibancadas, cheias de jovens bem vestidos e de senhoritas elegantes; de outro, o morro onde se espremia o público amplo e indiferenciado, composto por trabalhadores negros e brancos, de ofícios diversos, e por jovens torcedores e torcedoras sem recursos para entrar no estádio que fizeram ‘verdadeiros prodígios de equilíbrio e de ginástica’ para poder assistir ao jogo (PEREIRA, 2000, p. 153).

Portanto, na gênese do futebol brasileiro, tanto em sua matriz aristocrática, quanto em seu processo de popularização as mulheres estiveram presentes como espectadoras dos jogos, desde as arquibancadas dos estádios como senhoras e senhoritas recatadas que compunham o cenário desses ‘eventos de gala’, como espremidas nos morros, muros e telhados dos arredores dos estádios, compondo a massa de torcedores das classes subalternas.

Mourão (2000) considera que na passagem do século XIX para o XX a participação feminina na esfera esportiva caracterizou-se pela relativa autonomia desfrutada pelas mulheres da elite da sociedade brasileira, que ocupavam esses espaços de forma voluntária atendendo aos seus desejos e vontades pessoais em detrimento de qualquer tipo de engajamento político pela emancipação feminina, por exemplo. A autora pondera ainda que a inserção de elite nas atividades esportivas ocorreu pela via da conciliação, com demandas explícitas, mas sem lutas, na medida em que não objetivava alterar a condição feminina, a ordem social ou a hierarquia de gênero.

Além disso, essa inserção atendeu a uma lógica que respeitava uma espécie de hierarquia tributária dos referenciais hegemônicos masculinos, restringindo-se às

modalidades que não transgredissem as fronteiras deste referencial, tais como o turfe, a natação e o tênis e, assim sucessivamente sem representar perigo à hegemonia masculina.

### **3. Desventuras da apropriação do futebol pelas mulheres no Brasil**

A aproximação das mulheres com a prática do futebol, apesar de admitir episódios esporádicos em diferentes momentos e pontos geográficos, tem como marco a apropriação do futebol por parte das mulheres das classes operárias, principalmente da França e da Inglaterra, no período correspondente à Primeira Guerra Mundial.

Franco Júnior (2007), relata que apesar de algumas experiências isoladas em fins do século XIX, até 1914 o futebol tinha sido exclusividade do público masculino. Com a guerra, mulheres da classe operária inglesa foram trabalhar nas fábricas de munição e, no bojo do processo geral de emancipação feminina, apropriaram-se também do futebol.

Neste período poderíamos assumir que houve uma espécie de “suspensão temporária dos mecanismos hegemônicos de legitimação do futebol como espaço exclusivamente masculino”. Com o fim da guerra, a *Football Association* (FA) passou a fazer oposição ao futebol feminino, buscando “restabelecer a ordem” e a modalidade retrocedeu por décadas.

Em relação à aproximação das mulheres com a prática do futebol no Brasil, Moura (2003) afirma que os primeiros indícios deste envolvimento remetem ao início da década de 1910, época marcada pelo movimento denominado de higienista, que sustentava, dentre outros princípios, um modelo higienizado de mulher, mãe asséptica, que se conduziria de acordo com os padrões da “medicina moderna”.

Aliado a este referencial, conferia-se às mulheres – especificamente às das camadas sociais mais altas – um papel social vinculado à filantropia e ao assistencialismo, que esteve diretamente ligado à participação feminina como protagonista na organização de eventos futebolísticos ligados à caridade.

Em 28 de junho de 1921 divulgou-se na imprensa de São Paulo que jogariam no campo do Tremembé F.C.: "*Senhoritas Tremembenses*" versus "*Senhoritas Cantareirenses*"(MOURA, 2003). Tido como o primeiro registro de uma partida de futebol entre mulheres, este episódio não configurou necessariamente uma mudança dos costumes da época, tendo em vista que não se multiplicam registros de outras partidas entre mulheres no período.

Na década de 1930, as práticas corporais, realizadas pelas mulheres, deixaram definitivamente de ter apenas como foco a ginástica e a dança, consolidando sua presença no campo esportivo, que iria incorporar inclusive o basquetebol e o futebol enquanto “esportes femininos”. Apesar de restringir-se às mulheres da elite, o esporte começava a se difundir dentro da classe operária.

De acordo com Moura (2003) no ano de 1940 o futebol feminino ganha destaque na imprensa carioca. Inicialmente o interesse das mulheres dos subúrbios na prática do futebol, despertou curiosidade da população de uma maneira geral, sendo amplamente explorado pela imprensa que destinou um espaço significativo para o assunto. Alguns médicos também se mostraram favoráveis ao futebol feminino, fazendo apenas ressalvas com relação à necessidade de maiores estudos sobre o assunto para a adoção de “normas racionais” e de um “método científico” que dispusessem sobre a dosagem e duração desta prática no intuito de “proteger” o “organismo feminino”.

Entretanto, o autor recorda que não era consensual o apoio ao futebol feminino, que recebia severas críticas da comunidade social e científica da época, como revela a carta encaminhada pelo cidadão José Fuzeira ao Presidente da República Getúlio Vargas em 25 de abril de 1940. O teor da carta revelava a preocupação daquele senhor com a popularização do futebol feminino, que segundo ele configurava-se em uma “calamidade prestes a desabar sobre a juventude feminina”. Franzini (2000) acrescenta que essa carta sensibilizou a comunidade científica, ganhando respaldo da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde.

Assim, a oposição de um significativo contingente da sociedade brasileira em relação à prática do futebol pelas mulheres, não demorou a se materializar na legislação do país. Segundo Castellani Filho (1988), o Decreto-Lei nº 3199, de 14 de abril de 1941 estabelece as bases do desporto em todo o país, fundando o Conselho Nacional dos Desportos (CND). Em seu artigo 54 o Decreto compreende o seguinte texto: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”<sup>3</sup>.

Durante a época da ditadura militar no Brasil estas restrições foram ratificadas pelo CND que em 1965, baixou instruções às entidades desportivas do país, por meio da

---

<sup>3</sup> Fonte: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593> Acesso em 08/04/2011.

Deliberação CND nº 7/65 reiterando as restrições em relação à prática de determinados esportes pelas mulheres, enfatizando a proibição do futebol, do futebol de salão e do futebol de praia, dentre outras modalidades.

Sobre este fato, Reis (1998) admite que a história da participação da mulher no futebol restrita por decretos e outros dispositivos legais permeados por discursos preconceituosos sustenta uma cultura de que o futebol consiste em um esporte masculino. Porém, a autora lembra que, sendo a construção cultural um processo dinâmico, a qualquer momento a sociedade seria capaz de superar os mitos e preconceitos existentes, resultando, inclusive, na revisão dos preconceitos de gênero apontados nesta situação do futebol.

#### **4. Da legalização à erotização do futebol feminino no Brasil**

Após um período de embates e estagnação do futebol feminino, provocado pelas legislações e pelo discurso inconsistente e preconceituoso da medicina, a situação da modalidade melhorou um pouco, a partir dos primeiros anos da década de 1980, tendo em vista que, apenas no ano de 1979 a proibição da prática do futebol pelas mulheres foi revogada por meio da Deliberação nº 10 do CND, permitindo o reconhecimento de que era necessário estimular as mulheres nas diversas modalidades (CASTELLANI FILHO, 1988; REIS e ESCHER, 2006).<sup>4</sup>

Mourão e Morel (2005) admitem que nos anos de 1980 e 1990 houve um movimento da mídia impressa no sentido de transformar a imagem masculinizada da esportista, veiculando em seu discurso a representação das musas esportivas, materializadas na imagem de atletas de diferentes modalidades. Segundo as autoras, o futebol não se enquadrou neste projeto, implicando na inibição e marginalização de sua prática pelas mulheres e, na atribuição do rótulo de esporte masculino no imaginário social.

Apesar da modalidade não ter sido foco do movimento de exploração da sensualidade das atletas naquele período, o futebol feminino também participou do momento de “reabertura” do esporte feminino de uma maneira geral, com o surgimento de equipes e competições em especial no eixo Rio-São Paulo.

---

<sup>4</sup>Este foi o período em que o futebol feminino iniciou suas competições internacionais, fato que contribuiu e pressionou uma revisão da legislação brasileira. Período que coincide também com as primeiras transferências de jogadoras para a Europa.



Um importante exemplo deste movimento ocorre na década de 1980 com o surgimento da equipe de futebol feminino do Guarani Futebol Clube, criado no interior de São Paulo, Campinas, em 1983 para realizar jogo exibição na preliminar do jogo Guarani x Goiás da Taça Ouro em abril daquele ano. A formação da equipe feminina de futebol de campo tinha origem em um grupo de associadas do Guarani que já praticavam futebol de salão como atividade recreativa. Para o jogo exibição os incentivadores do futebol feminino no clube convidaram mulheres praticantes de futebol que não compunham o quadro associativo. Esta equipe após o referido jogo continuou seus treinamentos vislumbrando a consolidação do futebol feminino no interior paulista.

Em julho do mesmo ano iniciou-se na cidade de Campinas o I Torneio de Futebol Feminino da ABRESSC<sup>5</sup>, consagrando-se campeã a equipe do Guarani F.C. A mídia jornalística campineira deu um grande destaque ao torneio, cobrindo todos os certames e o grande sucesso do renomado clube campineiro foi fundamental para o desenvolvimento do futebol feminino no interior paulista. Outras cidades iniciaram um movimento de formação do plantel feminino em seus clubes como o XV de Piracicaba e a Ferroviária de Araraquara.

Ainda sob a emergente necessidade do apoio ao futebol feminino em Campinas a Liga Campineira de Futebol promove seu primeiro campeonato de futebol feminino a partir de meados de outubro de 1983, o que possibilita a realização do 1º dérbi feminino em Campinas, no dia 04 de novembro de 1983 com o placar de Guarani 2 x 0 Ponte Preta, realizado no estádio Moisés Lucarelli (CORREIO, ESPORTES 1). O sucesso do seu arquirival fez com que a diretoria da Ponte Preta não autorizasse mais a equipe feminina a utilização do seu nome, desta forma, a equipe passa a utilizar as instalações da Cidade Pontepretana para treinamentos e realização de jogos, mas para os aficionados nada havia mudado; continuou-se uma ferrenha torcida e disputa entre Guarani x “Ponte Preta”.

A decisão do 1º. Campeonato de Futebol Feminino de Campinas disputado na praça do São Bernardo, em Campinas, foi a oportunidade do 2º dérbi feminino, interrompido quando o placar foi empatado pelo Guarani em 1 x1 no início do 2º tempo de jogo<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Associação Beneficente e Recreativa Sub-Tenentes e Sargentos de Campinas.

<sup>6</sup> Publicação do Correio Popular de 28 de janeiro de 1984 traz que a Junta Disciplinar Desportiva da Liga Campineira de Futebol de Salão definiu que o título é do Guarani F.C. A faixa de campeã foi recebida pelo

Nos primeiros meses de 1984 A Gazeta Esportiva promoveu um Torneio Metropolitano (Campeonato Cidade de São Paulo) com mais de 70 equipes inscritas. Em final de fevereiro de 1984 o torneio chega ao seu final com a 1ª colocação para Isis Pop; 2ª para o São Paulo F.C. e 3ª. para o Guarani F.C. Resultado que deu direito a estas de serem cabeças de chave do I Campeonato Paulista de Futebol Feminino promovido pela Coordenadoria de Esportes e Recreação do Estado de São Paulo com início em 14 de abril de 1984.

Ao término do I Campeonato Paulista de Futebol Feminino a equipe do Isis Pop consagra-se campeã conquistando o título em disputa com o Guarani F.C. O campeonato foi televisionado pela TV Bandeirantes com grande incentivo desta e com presença de um público cativo, pois todas as rodadas ocorriam em horário fixo e aos finais de semana.

O Isis Pop após a conquista do título encerrou suas atividades e a grande maioria de seu plantel transferiu-se para o Esporte Clube Radar (RJ)<sup>7</sup>, equipe até então sem nenhuma expressão no cenário futebolístico feminino. No entanto, com a transferência da grande maioria das jogadoras da melhor equipe paulista para o clube carioca, este passa a dominar o cenário daquela época (1984) que coincide com o fim do futebol feminino no Guarani Futebol Clube.

A partir deste episódio, o E. C. Radar, construiu uma invejável trajetória de conquistas nacionais e internacionais<sup>8</sup>. Em 1988 o Radar encerrou suas atividades culminando com uma estagnação temporária do futebol feminino no Rio de Janeiro.

Darido (2002) afirma que somente em janeiro de 1991, os dirigentes voltaram a procurar as jogadoras para formar uma seleção para o mundial na China. Então, a partir da década de 1990, entra em cena um movimento que busca a “popularização” do futebol feminino no Brasil por meio de uma estratégia de marketing que se baseava no “embelezamento das atletas”, reforçando mais uma vez os equívocos de uma política de inclusão da mulher no esporte.

---

plantel após amistoso contra o XV de Piracicaba (equipe que também recebeu faixa de campeã Piracicabana) na preliminar do jogo entre Guarani x XV de Jaú, pelo Campeonato Paulista masculino de 1984.

<sup>7</sup> Provavelmente motivadas pela oferta financeira do Radar, bancado pelo bicheiro Castor de Andrade.

<sup>8</sup> De 1982 a 1986 o E. C. Radar realizou 44 jogos, em três continentes, obtendo 39 vitórias, 2 empates e 3 derrotas. Dentre suas principais conquistas destaca-se o Mundialito de Futebol na Itália em 1986 (MOURÃO; MOREL, 2005). A exposição deste no cenário internacional possibilitou a primeira transferência do futebol feminino para a Itália de uma ex-jogadora do Isis Pop.

Toledo (2002) cunhou um conceito que pode ser transposto como categoria de análise para a interpretação deste mecanismo de “embelezamento” do futebol feminino.

Trata-se do conceito de *formas-representações*. Segundo o autor, as *formas* referem-se às configurações que distribuem os jogadores no campo de jogo segundo funções estabelecidas pelos treinadores; enquanto as *representações* consistem nos ajustamentos destas *formas* num plano simbólico, “empiricamente observados em campo, repetidos à exaustão nos treinos, confirmados (ou não) numa partida e referendados (ou não) pela memória coletiva dos conjuntos de torcedores” (TOLEDO, 2002, p. 152).

Assim, a expressão *formas-representações* indicaria a imbricação entre as *formas* ou padrões fixados pelos profissionais responsáveis pela organização de um determinado time e as *representações* simbólicas mais genéricas de domínio comum dos demais agentes do espetáculo, assumindo o status de “estilos” ou “jeitos” de jogar. Desta “simbiose” derivariam inúmeras combinações tais como “estilo brasileiro”, “jogar a Felipão”, “futebol-arte”, “jogar a Corinthians”, “futebol-força”, dentre outros.

O autor assume ainda que essas *formas-representações* não são estanques, tampouco consensuais, atendendo a contingências que respondem a mediações de toda uma comunidade de interesses e configurações espaciais.

Provocando uma aproximação do futebol feminino com o conceito de *formas-representações* cunhado por Toledo (2002), acreditamos que a representação social da mulher teria sido uma barreira para a sua participação no futebol. Sob o argumento do ‘enfeamento’<sup>9</sup> e da ‘masculinização’ de seus corpos as mulheres foram desestimuladas a esta prática social.

Na tentativa de estabelecer um novo paradigma para o futebol feminino, no final da década de 1990 os dirigentes do futebol brasileiro, buscaram estabelecer novas *formas* para a modalidade, objetivando superar a ideia que tomava corpo àquela época, que vinculava a marginalização do futebol feminino, principalmente ao estereótipo masculinizado de suas praticantes.

Com o objetivo de formar uma nova geração de atletas para integrar a seleção brasileira, a *Sport Promotion* (uma empresa particular que passou a gerenciar o futebol

---

<sup>9</sup>Embora não haja referências explícitas a quem seriam as ‘feias’, podemos assumir que as mulheres pobres, negras, mulatas, mestiças, dentre outras mulheres que sofrem diferentes tipos de discriminação em função de suas origens étnicas e/ou situação socioeconômica.

feminino a partir de 1994, por meio de uma concessão da CBF) organizou em conjunto com a Federação Paulista de Futebol (FPF), aquele que classificou como o “primeiro”<sup>10</sup> Campeonato Paulista de Futebol Feminino, a Paulistana 97, contando com a presença de oito equipes, dentre elas clubes com tradição no futebol masculino (FOLHA DE S. PAULO, 1997). Este campeonato contou com o apoio de patrocinadores próprios e com a transmissão dos jogos pela televisão.

Neste mesmo período, em 1996, o futebol feminino entrou na programação televisiva brasileira por meio da telenovela “Malhação” que passou a desenvolver uma trama baseada neste tema contando com um elenco de atrizes jovens e bonitas, as quais jogavam futebol.

É justamente aí que acreditamos fazer sentido o emprego do conceito de *forma-representação* como categoria de análise, tendo em vista que o mecanismo adotado pela FPF e pela empresa *Sport Promotion*, nada mais foi do que uma tentativa de estabelecer novas *formas* para o futebol feminino, baseadas em atributos da estética feminina, desencadeando novas *representações* sociais que poderiam promover uma nova apreciação estética da modalidade, consolidando assim um público cativo.

Com esta mudança de paradigma, além da competência técnica das jogadoras, tal qual se exige dos atletas do futebol masculino, as atletas ainda deveriam se encaixar no perfil estético traçado pelos clubes, para que o esporte se transformasse em um empreendimento comercial (REVISTA VEJA, 1996).

À primeira vista, tal procedimento poderia ser julgado como uma maneira de se dar o pontapé inicial para a popularização do futebol feminino no Brasil, que, apesar da conotação preconceituosa e discriminatória, produziria alguns efeitos positivos, como parece ter produzido<sup>11</sup>. Porém, constatou-se que essa passou a ser uma estratégia recorrente adotada pela Federação, clubes e empresas de marketing, que a cada temporada vinculam a seleção das atletas a critérios estéticos além dos técnicos.

---

<sup>10</sup> O website da Federação Paulista de Futebol disponibiliza informações apenas a partir do Campeonato Paulista de 2007, mas o website Wikipédia - Enciclopédia livre apresenta a primeira edição do Campeonato Paulista de Futebol Feminino no ano de 1987, seguido de uma interrupção de 1988 até 1996, retomando com a Paulistana-1997 que, portanto, seria a segunda edição do torneio. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato\\_Paulista\\_de\\_Futebol\\_Feminino](http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Paulista_de_Futebol_Feminino) Acesso em 09/04/2011.

<sup>11</sup> Não dispomos de dados empíricos, porém é possível identificar um aumento substancial do número de mulheres praticantes de futebol a partir deste período, passando inclusive por uma maior aceitação desta prática nas aulas de educação física e competições escolares, conforme identificamos em um estudo com alunas da 7ª série do Ensino Fundamental (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002) e outro realizado com garotas que participavam de um torneio inter-escolar da modalidade (SOUZA JÚNIOR, 2000).

Prova disso foi a “peneira” (seletiva ou *draft* como denominaram os organizadores) realizada para a seleção de atletas que disputariam o Campeonato Paulista de 2001, organizado pela Federação Paulista de Futebol (FPF) e pela empresa Pelé Sports & Marketing. O projeto elaborado por estas entidades, estabelecia que o embelezamento das atletas estaria entre os objetivos principais para o sucesso do torneio (FOLHA DE S. PAULO, 2001).

De acordo com o então presidente da FPF, Eduardo José Farah, havia a “necessidade de se mostrar uma nova roupagem no futebol feminino, que se encontrava reprimido pelo machismo”. Assim, segundo o dirigente, seria preciso “tentar unir a imagem do futebol à feminilidade”. Para tanto, colocou-se no regulamento da competição, entre outras recomendações, que jogadora com a cabeça raspada não jogaria<sup>12</sup>.

O folder de divulgação da seletiva para a Paulistana 2001, direcionado às potenciais candidatas a participarem do campeonato revela o caráter sexista e heteronormativo que a FPF procurou vincular ao evento. Já na capa deste material, conforme pode ser visto na figura 1, destaca-se a fotografia da então modelo e atriz Patrícia de Sabrit, segurando uma bola de futebol e posando de perfil com o rosto (com expressão de modelo fotográfico) em destaque. As fotografias utilizadas na parte interna do encarte (figura 2) trazem também o apelo à sensualidade feminina, revelada pela utilização de uma provável modelo controlando uma bola de futebol (a postura da garota denuncia que não se trata de uma jogadora de futebol), trajando um shorts minúsculo, em outra foto modelos posam com os rostos próximos uns dos outros e esbanjando olhares e atitudes sensuais (a foto insinua que as modelos estariam nuas). Destaca-se ainda no folder a foto de um casal supostamente de namorados, com explícito apelo aos relacionamentos heterossexuais, evidenciando as intenções dos organizadores de explicitar e colar à imagem do futebol feminino valores heteronormativos.

---

<sup>12</sup>Sissi, à época a melhor jogadora brasileira estava careca naquele período e pelo regulamento não poderia disputar a competição, contudo não foi afetada pela medida, pois naquele ano jogava nos Estados Unidos onde foi campeã da primeira edição da WUSA (Women’s United Soccer Association) pelo seu time San Jose CyberRays. (fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/San\\_Jose\\_CyberRays](http://en.wikipedia.org/wiki/San_Jose_CyberRays) Acesso em: 28/08/2012).

Patricia de Sabrit convida:

**VENHA FAZER  
PARTE DO NOVO  
FUTEBOL FEMININO.**



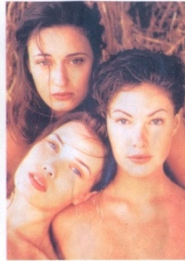
SOMENTE PARA MENINAS DE 16 A 23 ANOS.

SELETIVA: DIAS 20, 21, 22 E 23/09,  
NO ESTÁDIO ÍCARO DE CASTRO MELLO, IBIRAPUERA.  
INSCRIÇÕES: DE 11 A 17 DE SETEMBRO,  
NO LOCAL DAS 10 ÀS 16H.  
E NAS SEDES DOS CLUBES PARTICIPANTES.

Figura 1 – Capa do folder de divulgação da Paulistana-2001

# CAMPEONATO PAULISTA DE FUTEBOL FEMININO

Há mais de dez anos, os Campeonatos organizados pela Federação Paulista de Futebol são sinônimos de competência e criatividade. Agora a FPF vai levar ao Futebol Feminino toda a sua experiência, criando um campeonato para as meninas, como nunca se viu no Brasil.



As jogadoras vão usar uniformes especiais.

A Topper, uma grande empresa brasileira do setor, está desenvolvendo calções, camisas e chuteiras para deixá-las charmosas e belas também dentro de campo.

Todas as mulheres que gostam de futebol terão chance de participar. A FPF está organizando um **draft** (Seletiva) nos dias 20, 21, 22 e 23/09, no Estádio Ícaro de Castro Mello, ao lado do Ginásio do Ibirapuera. O espírito é o mesmo do draft da NFL, a Liga de Futebol Norte-Americano.



A seleção das candidatas vai contar com ninguém menos que ele, o atleta do século, o Rei do Futebol, Pelé. As escolhidas por um grupo de renomados técnicos de futebol, que trabalharão ao lado de Pelé, serão contratadas pelos clubes que vão disputar o Campeonato Paulista. É realmente uma grande oportunidade para você, que gosta de jogar futebol.



Administração  
Eduardo José Farah

É a Administração Eduardo José Farah, que depois de revolucionar, aprimorar e tornar rentáveis os campeonatos masculinos, começa uma nova era para o Futebol Feminino.

E para o próprio futebol do Brasil. É o estilo do Presidente entrando em campo.



**NUNCA A MULHER BRASILEIRA QUE JOGA FUTEBOL FOI TÃO VALORIZADA.**

Figura 2 – Encarte interno do folder de divulgação da Paulistana 2001

Com relação ao texto do folder da Paulistana-2001, duas passagens chamam a atenção pela exploração da beleza feminina como mote para a adesão do público (masculino) ao evento. O primeiro diz respeito à adequação dos uniformes do torneio a uma suposta demanda pela valorização das formas femininas: “As jogadoras vão usar uniformes especiais. A Topper, uma grande empresa brasileira do setor, está desenvolvendo calções, camisas e chuteiras para deixá-las charmosas e belas também dentro de campo”. No parágrafo seguinte, os organizadores reafirmam a tendência de apelar para a sensualidade feminina afirmando que “a beleza da mulher brasileira será, mais uma vez, conhecida no mundo inteiro”.

O folder encerra-se com a nota de rodapé: “Nunca a mulher brasileira que joga futebol foi tão valorizada”. Entretanto, obviamente, que esta mensagem não passou de um engodo, como bem demonstra a declaração de uma jogadora participante da seletiva entrevistada por Knijnik e Vasconcellos (2003, p. 15) em sua pesquisa:

Muitas meninas não passaram no teste porque não tinham, digamos assim, fisicamente condições para o campeonato. Porque eles queriam vender a imagem do campeonato, passar na TV, eles não iam querer ver uma desdentada, e queriam ver a loirinha. Então teve muita menina que passou porque era bonitinha e não porque jogava. Eu conhecia as meninas, muitas meninas que não tinham condições de jogar, eu conhecia, e passaram porque eram bonitinhas. Como teve menina também, que era do cabelinho ruim, não tinha dente, não passou e jogava bem. Foi muito de imagem e isso me irritou, me irritou mesmo.

Conforme entrevistada Knijnik e Vasconcellos (2003), a pretensa valorização da mulher brasileira que joga futebol não se efetivou de fato, havendo, outrossim uma depreciação das atletas que não atendiam a um perfil estético socialmente valorizado, repercutindo na discriminação e exclusão de atletas então em atividade e potenciais atletas que não se enquadrassem nesse estereótipo, daquele que seria o campeonato de maior prestígio da categoria.

Um dos mais recentes episódios que recorre à estratégia da erotização das jogadoras sob o argumento da “divulgação do futebol feminino”, diz respeito ao lançamento do calendário das “Sereias da Vila” em abril de 2011 como parte das comemorações ao centenário do Santos Futebol Clube, à época o principal “clube de futebol feminino”<sup>13</sup> do Brasil. O lançamento do calendário foi marcado por um desfile com as atletas do elenco do Santos vestindo biquínis e maiôs, que também serviu para divulgar a nova coleção de moda praia com a marca do clube.

Embora os dois episódios não tenham sido anunciados como estratégias de marketing do futebol feminino, o discurso assumido pelas próprias atletas foi revestido de um forte apelo pela vinculação da divulgação do desfile e do calendário na mídia, como uma possibilidade de divulgação do futebol feminino.

A própria jogadora Marta, que não desfilou e nem posou para as fotos, prestigiou o evento do desfile e lançamento do calendário e mostrou-se favorável à iniciativa de seu ex clube no Brasil. "Estou muito feliz de poder estar aqui no Santos prestigiando as

---

<sup>13</sup> Colocamos entre aspas a referência ao Santos com clube de futebol feminino, pois o futebol feminino consistia apenas em um departamento do clube, recebendo um tratamento equivalente ao departamento das categorias de base.



meninas, pois aqui eu me sinto em casa. Queria parabenizar o Santos, que sempre apoiou o futebol feminino, por essa iniciativa maravilhosa", disse Marta ao site oficial do clube.

Mais uma vez fica clara a insistência das entidades dirigentes em instituir uma nova *forma* (estética) para o futebol feminino brasileiro, que visa traduzir esta estética para uma nova *representação* ligada a mais um produto para o consumo de massa masculino. Mas, novamente fica evidente que este não é o caminho, tendo em vista que tal estratégia não representou os resultados esperados, na medida em que menos de um ano depois do episódio o Santos Futebol Clube anunciava a desativação de seu departamento de futebol feminino e deixava cerca de quarenta atletas desempregadas.

A história do futebol feminino brasileiro e de outros países tem demonstrado a recorrente estratégia de privilegiar a aparência das atletas e de impor padrões rígidos de feminilidade para mulheres atletas, o que discordamos que seja o melhor caminho para consolidar ou promover qualquer esporte.

Goellner (2005, p. 148) afirma que o apelo à beleza das jogadoras e a erotização dos corpos sustenta-se no argumento de que se as atletas forem atraentes, irão trazer público aos estádios e, portanto, ampliarão a captação de recursos por meio dos jogos, propagandas, produtos e serviços, captando, sobretudo, "patrocinadores, cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil".

Contudo, não se pode estabelecer este tipo de relação, que mantém o futebol feminino refém da exploração do corpo das atletas, na medida em que além de reforçar a subserviência feminina à dominação masculina, constitui-se em um mecanismo frágil para a consolidação de uma modalidade esportiva, como provou a iniciativa mal sucedida do Santos.

É necessário, dentre outros fatores, que o futebol passe a se constituir em uma forma de empoderamento das mulheres, como relatado por Migliaccio e Berg (2007) em sua pesquisa com o futebol americano. De acordo com os autores, enquanto o contato físico mais agressivo seria uma experiência nova para algumas atletas, outras dizem-se atraídas por este tipo de ação desde a infância, contrariando as convenções sociais da cultura norte-americana que estabelece que garotas não deveriam jogar *football* a sério. A oportunidade de quebrar estes paradigmas para as novas gerações constituiu-se em um dos desafios que mais motivavam as praticantes da modalidade. Uma das maiores dificuldades enfrentadas por estas praticantes, diz respeito ao caráter inovador da prática

da modalidade pelas mulheres, igualando-se às dificuldades enfrentadas em situações similares nas quais as mulheres cruzam as fronteiras de gênero ocupando territórios pretensamente masculinos.

## **5. O momento atual: nem Marta salva!**

O futebol feminino no Brasil vive ainda um momento de total descrédito em relação às condições e infraestrutura necessárias para o mínimo de organização de clubes e competições oficiais, sendo praticamente inexistentes as políticas públicas e privadas direcionadas ao incentivo ao público feminino interessado no futebol, conforme atesta Goellner (2005).

Apesar das recentes conquistas da seleção brasileira de futebol feminino, como as medalhas de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 e Pequim em 2008, do vice campeonato mundial também em Pequim em 2007 e da medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro em 2007, sob os olhares de um Maracanã lotado, sem falar da conquista pessoal de Marta, eleita cinco vezes consecutivas (nas temporadas de 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010) a melhor jogadora do mundo, os dirigentes do futebol e o ministro do esporte e sua equipe ainda não se sensibilizaram com as precárias condições vivenciadas por estas atletas que mereceriam viver com dignidade e se sustentar como profissionais do futebol.

O desabafo de Marta, após a conquista da medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro em 2007 reflete exatamente o sentimento de frustração e impotência compartilhado por todos aqueles que de alguma maneira acompanham e acreditam no potencial do futebol feminino brasileiro. Trocando o sorriso da conquista pelas lágrimas a maior estrela do futebol feminino mundial utilizou a entrevista coletiva para manifestar sua frustração com a falta de estrutura do futebol feminino, que faz com que ela e outras atletas tenham que jogar fora do país.

Outro agente que contribui para a precariedade do futebol feminino no país refere-se aos meios de comunicação. Tendo como referência a televisão, em geral o espaço dedicado à modalidade nos canais de maior audiência restringe-se às competições envolvendo a Seleção Brasileira e nos últimos dois anos à cobertura de torneios de curta duração com a participação do Santos Futebol Clube, notadamente em função da contratação temporária da estrela Marta por este clube antes de abandonar o futebol

feminino. Não se pode desprezar o papel da Rede Bandeirantes de Televisão na cobertura destes eventos e na insistência em pedir apoio e divulgar o futebol feminino durante suas transmissões<sup>14</sup>.

Em contrapartida, não podemos adotar a lógica de não criticar aqueles que fazem algo que outros deixam de fazer – como é o caso da Rede Globo, maior emissora de televisão do país, que ignora a existência da modalidade mesmo nas maiores competições oficiais – na medida em que, apesar de reconhecermos o importante papel cumprido pela Rede Bandeirantes, ela não está isenta de uma série de vícios que contribuem para a perpetuação de alguns preconceitos e estereótipos relacionados à modalidade, verificados principalmente na linguagem dos narradores e comentaristas, o que aponta para a necessidade também de maior qualificação profissional para as transmissões de jogos de mulheres. São recorrentes comentários relacionados à beleza e delicadeza da mulher, que como pode ser visto neste artigo são impróprios para a análise do rendimento esportivo.

Em uma pesquisa que teve como objetivo analisar o discurso midiático, expresso por meio da narração e comentários na cobertura da Rede Bandeirantes de Televisão ao Campeonato Mundial de Futebol Feminino da FIFA 2007<sup>15</sup>, Kaneshiro (2009) revela que o narrador e os comentaristas do evento têm seu discurso impregnado por marcadores de gênero, que demonstram as dificuldades enfrentadas por estes em se distanciarem do referencial do futebol masculino. Algumas passagens da cobertura explicitam esta dificuldade, por meio da insistência do narrador e dos comentaristas em comparar as jogadoras com jogadores do futebol masculino: “você vê a Cristiane jogando como o Messi joga no Barcelona do lado direito” (Comentarista 1), “ela (Renata Costa) parece o Mineiro jogando pra falar a verdade”(Comentarista 1), “você vê que ela (jogadora da Austrália) é gordinha e rápida igual eu [sic] quando jogava!”(Comentarista 1) (KANESIRO, 2009, p. 22).

Como é possível observar, o “produto” futebol é “vendido” em uma “embalagem masculina”, independentemente de ser o futebol jogado por homens ou mulheres. Outro aspecto negativo destacado por Kaneshiro (2009) na transmissão da referida emissora, diz respeito ao constante apelo à erotização das atletas, conforme revelam as seguintes

---

<sup>14</sup>Esta emissora foi pioneira nas transmissões de futebol feminino no Brasil, estando ao lado da causa do direito das mulheres jogarem futebol desde a iniciativa da geração de jogadoras nos anos de 1980, ocasião em que transmitia jogos e campeonatos de futebol feminino.

<sup>15</sup> Em sua pesquisa, a autora baseou-se na análise do videoteipe do jogo Brasil 3x2 Austrália, pelas quartas de final do Mundial de futebol feminino realizado na China em 2007.

passagens: “são jogadoras bonitas da seleção australiana, a Austrália tem mulheres bonitas” (Narrador), “um país colonizado por ingleses” (Narrador), “foi a primeira delegação olímpica que conseguiu fazer da nudez um caminho publicitário<sup>16</sup>... agora só mostraram porque podiam mostrar o que tem, porque se fosse ruim não dava pra mostrar”(Comentarista 1) (KANESIRO, 2009, p. 24).

O argumento do comentarista a respeito do pioneirismo das australianas em adotarem a nudez como caminho publicitário é de uma falta de respeito sem tamanho, que o comentarista, tampouco boa parte dos telespectadores se dá conta. Afirmar que as mulheres precisam tirar a roupa para serem reconhecidas e ganharem visibilidade em sua atividade futebolística e achar que isso é normal revela a medida da desvalorização da competência feminina – neste caso futebolística, mas poderíamos transferi-la para outros campos de atuação profissional ou não - em detrimento da exploração de seus atributos físicos.

Segundo Hargreaves (1993) os meios de comunicação apresentam quase sempre as mulheres esportistas, primeiro como mulheres e depois como atletas. As esportistas que se enquadram no estereótipo de feminilidade são tratadas como ‘símbolos sexuais esportivos’, enfatizando-se o aspecto sexual e negligenciando-se a condição de esportista. Migliaccio e Berg (2007) ilustram esta concepção afirmando que no futebol americano a rejeição à participação das mulheres é atenuada somente quando se trata das representações pela mídia de jogadoras com apelo à sensualidade. Segundo os autores, uma das equipes que participou de sua pesquisa foi tema de uma reportagem de uma revista local, que escreveu sobre o desempenho da equipe na competição, mas ilustrou a matéria com fotos de uma dupla de jogadoras, tratadas por um dos proprietários da equipe como “as jogadoras mais atraentes”, usando apenas seus uniformes e salto alto.

De acordo com Griffin (citado por MIGLIACCIO e BERG, 2007), destacando a sensualidade feminina acima de sua performance em um esporte tradicionalmente masculino, a mídia emprega a “defesa apologética” da mulher em conformidade com a sua “normalização” na sociedade, objetificando-a. Enquanto algumas atletas aceitam tais representações, outras a questionam enquanto perpetuadoras de uma visão estereotipada de mulher.

---

<sup>16</sup> Durante a preparação para os Jogos Olímpicos de 2000 em seu país, as jogadoras da seleção australiana de futebol, conhecidas como “*The Matildas*”, posaram nuas para as fotos de um calendário com o objetivo de divulgar a modalidade que desperta pouca atenção naquele país.

No caso da atuação das mídias esportivas, entendemos que não se trata simplesmente de possibilitar às mulheres o acesso às posições de narradoras e /ou comentaristas esportivas, embora saibamos que este poderia ser um avanço significativo para o redimensionamento do discurso do jornalismo esportivo, trata-se, mais do que isto, de atuarmos no sentido de buscar uma imprensa menos suscetível à ideologia refém de valores do patriarcado<sup>17</sup>, viabilizando um discurso midiático isento de clichês preconceituosos e estereotipados.

Já o Campeonato Paulista, não tem espaço na grade de programação dos canais abertos das redes de maior audiência, sendo transmitido pela REDEVIDA de Televisão, um canal ligado à Igreja Católica, com sede na cidade de São José do Rio Preto, no interior do Estado de São Paulo, que possui cobertura em todo o Brasil, mas não possui altos índices de audiência, tampouco dispõe de todo o aparato disponível pelas redes de maior audiência, para realizar uma cobertura nos moldes das transmissões do esporte espetáculo na atualidade.

Um dado intrigante nesta configuração, refere-se aos índices de audiência do futebol feminino. Na cobertura do I Torneio Internacional Cidade de São Paulo, em dezembro de 2009, a Rede Bandeirantes, chegou a registrar picos de audiência de 12 pontos no Ibope<sup>18</sup>, ao passo que o recorde da temporada no futebol masculino da mesma emissora ficou em 11 pontos, na final do Campeonato Paulista entre Corinthians e Santos, e a mesma marca para o clássico entre Corinthians e Palmeiras, pelo Campeonato Brasileiro.

A partir desses dados nos resta a seguinte inquietação: se o desinteresse do público pelo futebol feminino (ao menos nos jogos da seleção) não se comprova pelos números, quais os motivos que impedem que outras emissoras de televisão além da Rede Bandeirantes abram espaços em sua grade de programação para a modalidade?

## **6. Considerações finais**

---

<sup>17</sup> No Dicionário crítico do feminismo, Delphy (2010) afirma que a acepção feminista para o termo patriarcado designa-o como uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente o poder é dos homens. De acordo com a autora, pai ou marido teriam o mesmo sentido na definição feminista de patriarcado, sendo que a palavra designa a dominação dos homens, sendo eles pais biológicos ou não.

<sup>18</sup> Cada ponto de audiência no Ibope equivale a 54 mil domicílios na Grande São Paulo, região de referência para o mercado publicitário. Fonte:

<http://maquinadoesporte.uol.com.br/v2/noticias.asp?id=15090> Acesso em 24/12/2009.

Este misto de desinteresse, negligência, despreparo e/ou incompetência dos meios de comunicação em relação ao futebol feminino, podem ser interpretados de diferentes maneiras, mas não podemos desprezar que tais circunstâncias revelam um mecanismo, ainda que não proposital em alguns casos, para sustentar o ideário do futebol como reserva masculina.

De acordo com Messner (citado por DUNNING, 2003) no início do século XX os homens temiam que a quebra das fronteiras entre os gêneros na família, no trabalho e na escola, indicassem um processo que tornaria a sociedade mais afeminada. Com a corrosão destes pilares de sustentação das bases tradicionais dos privilégios e da identidade dos homens, o esporte passou a assumir cada vez mais importância como expressão cultural dos valores masculinos tradicionais, convertendo-se em uma experiência primária na validação da masculinidade. Este cenário teria gerado, segundo o autor, um sentimento de insegurança defensiva nos homens, que fez com que tanto no âmbito pessoal dos esportistas, como no simbólico dos espectadores e fãs, o esporte se convertesse em um dos últimos bastiões de poder e superioridade masculinos sobre a feminilização da sociedade. Acoplado a este estatuto que o autor credita ao esporte, não podemos deixar de lembrar que mundialmente o futebol constitui-se em um esporte criado pelos e para os homens e no Brasil representa um dos principais elementos que compõem a dita identidade nacional (masculina neste caso).

Goellner (2005) relaciona a pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro a dois fatores em especial, que são a concepção de que o futebol estaria associado à ‘masculinização’ da mulher e a naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza.

Escolher o que transmitir na grade de programação televisiva, o que publicar no jornal, o que comentar nas mesas redondas do telejornalismo esportivo, sobre o que tratar nos programas esportivos de rádio, faz toda a diferença entre aquilo que é repercutido no imaginário social e aquilo que é tornado invisível. Destinar um maior espaço ao argentino Messi do que à brasileira Marta, nos jornais, programas de televisão e sites da internet, após a premiação do melhor futebolista do ano, na qual ele venceu pela segunda vez e a brasileira pela quinta consecutiva, tem um simbolismo contundente, pois o marcador de gênero consegue ser mais forte do que o marcador xenofóbico, que o jornalismo esportivo alimenta em relação à rivalidade entre Brasil e Argentina. Além da

seleção do conteúdo, os meios de comunicação tendem a “orientar” a opinião pública por meio de seu discurso, que estabelece uma estética particular, compreendendo, dentre outros elementos, a erotização das atletas, buscando balizar este discurso pelos valores patriarcais. Mecanismos como estes contribuem para a manutenção de uma hegemonia masculina em relação ao futebol, mesmo que este seja feminino.

Assim, entendendo a hegemonia como correlação de forças, e não simplesmente como uma relação de dominação linear baseada em critérios como o econômico, nos permite analisar o cenário do futebol feminino, do ponto de vista de constantes conflitos de interesse, que perpassam aspectos como o discurso midiático – que, ora clama por apoio à modalidade, ora se afina com os valores da sociedade patriarcal e, em geral, imbrica ambas as motivações –, as transformações em relação à concepção sobre os papéis assumidos pelas mulheres na sociedade, a compreensão/incompreensão da igualdade de gênero assegurada pela Constituição Federal do Brasil, a visibilidade/invisibilidade do futebol feminino em diferentes momentos e locais, o “clubismo” (ou sua ausência) no futebol feminino, a relação da modalidade com a CBF e as federações estaduais etc. Tais conflitos sinalizam para uma constante instituição de formas, visando forjar determinadas representações sociais que se alinhem com o discurso hegemônico.

A reelaboração deste discurso, construída por meio de reflexões e discussões sistemáticas, permite o reconhecimento de processos históricos de lutas e ações de resistência, contrapondo-se às ações discriminatórias e outros mecanismos de manutenção de práticas hegemônicas no cenário do futebol, viabilizando um reordenamento de uma visão de mundo cristalizada, que possa implicar em relações menos desiguais nas esferas econômica, política e social, traduzindo-se em um empoderamento das mulheres por meio e para o futebol.

## **7. Referências**

- CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. Dissertação de Mestrado. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papyrus, 1988.

- DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**. V. 8, n. 2, agosto de 2002. (pp. 43-50)
- DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do) (verbete). In: HIRATA, Helena et al. (orgs.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. pp. 173-178.
- DUNNING, Eric. **El fenómeno deportivo: estudios sociológicos em torno al deporte, la violencia y la civilización**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003. (Traducción: Pedro González Del Campo Román)
- FOLHA DE S. PAULO. **Dá-lhe peito**. 17 mar., 1997, 5º caderno, p. 3.
- FOLHA DE S. PAULO. **FPF institui jogadora-objeto no Paulista**. 16 set., 2001, Caderno de Esportes, p. D5.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo. V. 19, n. 2, p. 143-151, abr-jun, 2005.
- HARGREAVES, Jenniffer. Promesa y problemas en el ocio y los deportes femeninos. In: BROHM, J. M. et al. **Materiales de sociología del deporte**. Madrid: La Piqueta, 1993. pp. 109-132.
- KANESIRO, Marina Hanita. **Mídia e futebol feminino: indiferença e distorções**. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Educação Física. Unesp, Rio Claro, 2009.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, João Ricardo. **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume/Cepe, 2003, p. 1-18.
- MIGLIACCIO, Todd A.; BERG, Ellen C. Women's participation in tackle football: na exploration of benefits and constraints. **International Review for the Sociology of Sport**. 42/3, 2007. 271-278.
- MOURA, Eriberto Lessa. **As relações entre futebol, lazer e gênero**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2003.
- MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**. Ano VII. Nº 13, 2000/2.



MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (Histórias do Brasil)

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Campinas: Unicamp, 1998.

REVISTA VEJA. **Flores do campo**. Editora Abril, 30/10/1996, p. 72-73.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Futebol feminino em competições escolares. In: Anais do **8º Congresso de Educação Física e Ciência dos Desportos dos Países de Língua Portuguesa**, 2000, Lisboa-PT, Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa, p. 292-293.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental. In: **Motriz**, Jan-Abr, 2002, Vol.8 n.1, pp.1-9

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002. (Paidéia)

Contato do primeiro autor:

Osmar Moreira de Souza Júnior

Av. 6, nº 1408 – Cidade Claret

Rio Claro-SP – CEP: 13.503-220

[osmar@ufscar.br](mailto:osmar@ufscar.br)